



REDE LATINO-AMERICANA E CARIBENHA DE ESTUDOS GRAMSCIANOS

Raúl Burgos e Deise Rosalio Silva

A *Rede Latino-Americana e Caribenha de Estudos Gramscianos* surgiu de uma iniciativa de articulação encabeçada pelas associações nacionais *Asociación Gramsci Argentina*, *International Gramsci Society- Colombia*, *Asociación Gramsci-México* e *International Gramsci Society-Brasil* e conta com o apoio de colegas de diversos países latino-americanos e do Caribe. O lançamento da rede é resultado de vários anos de trabalho de intercâmbios e articulação e deve facilitar o trabalho conjunto deste campo de pensamento na América Latina e Caribe.

Evidentemente há uma longa história de trabalhos prévios, de relacionamentos, encontros, e amizades coletiva das quais seria possível e deveria ser feita uma pequena genealogia. Contudo, o início desta fase avançada de organização dos estudos gramscianos em nossas terras poderia ser estabelecida a partir do encontro internacional *Egemonia dopo Gramsci: una riconsiderazione* (3) realizada na cidade de Pavia, Itália de 13 a 15 de setembro de 2016, em cujo programa se encontrava o tema *Egemonia in America Latina* e para o qual foram convidados estudiosos de vários países latino-americanos. Durante as deliberações deste tema foi levantada a possibilidade de realização de um encontro latino-americano em comemoração (em 2020) dos 40 anos do Seminário “*Hegemonía y alternativas políticas em América latina*”, realizado na cidade de Morelia, México, em 1980. E dada as repercussões da recente fundação da IGS-Brasil em setembro de 2015 e processos de organização em outros países, começou-se a pensar nessa comemoração como um ponto de arribo no processo de articulação. A proposta do encontro ficou no ar, sem ainda ter qualquer definição, nem mesmo de cidade e país de realização.

Outro momento importante nessa fase inicial se encontra na série de encontros realizados em torno das comemorações do ano gramsciano de 2017, que serviram como espaços de articulação. Em primeiro lugar, nos reunimos no Encontro “*Egemonia e modernità*”, realizado em Roma, de 18 a 20 de maio de 2017, onde continuamos as conversas entre as representações latino-americanas em torno das possíveis articulações, sob auspício da IGS, e do Instituto Gramsci de Roma. Estes primeiros vislumbres seguiram nas *Jornadas gramscianas argentinas*, de 6 a 14 de junho de 2017, durante as quais aconteceram importantes conversas sobre as possíveis articulações latino-americanas e em particular deu-se ênfase à realização do encontro em 2020, com a sugestão de empenhar esforços para a realização no Mé-

xico, onde fora realizado o congresso original.

Um terceiro, mas fundamental momento do processo, nos reunimos em torno do 2º Encontro da IGS-Brasil, que coincidiria esse ano com um encontro internacional da IGS mundial, no denominado *1º Colóquio Internacional Antonio Gramsci*, realizado entre 22 a 25 de agosto, na Universidade Estadual de Campinas. No processo de organização deste encontro, o Conselho Nacional da IGS-Brasil aprovou a iniciativa de convidar para a realização de um encontro gramsciano latino-americano informal. Com este objetivo, no mês de julho, foi enviada uma mensagem a uma lista de colegas gramscianos convidando as pessoas que tivessem condições para encontrar-se em Campinas e que pudessem reproduzir os convites a partir da técnica “bola de neve”, processo que permitiu constituir a primeira lista latino-americana que começou a ser “encorpada” desde então.

Ao Encontro de Campinas acudiram uma quantidade importante de colegas de vários países latino-americanos e foi iniciado de fato um processo gradual de articulações. Neste encontro as associações argentina (em processo de formação) e brasileira foram incumbidas de começar as sondagens com colegas latino-americanos para a organização de uma primeira atividade latino-americana: a primeira escola latino-americana de estudos gramscianos, seguindo o modelo da experiência da Escola de Ghilarza.

Embora tivessem sido realizados contatos parciais, o processo avançou pouco até as novas experiências de articulação de 2018. Uma primeira ocasião foi durante as “*Jornadas fundacionales de la Asociación Gramsci Argentina*”, entre 13 e 15 de maio na cidade de Buenos Aires, onde foram discutidas as experiências das associações gramscianas em funcionamento internacionalmente e, muito em particular, a questão das articulações latino-americana. Uma segunda ocasião em 2018 foi durante o encontro *Egemonia dopo Gramsci: una riconsiderazione* (4) realizado na cidade de Urbino, de 22 a 24 de

outubro de 2018, durante o qual foi realizada uma importante reunião dos colegas gramscianos latino-americanos presentes no encontro que estabeleceu um importante rol de atividades: 1. A realização de um encontro latino-americano comemorativo dos 40 anos do Seminário de Morelia em outubro ou novembro de 2020; A decisão que seria realizado no México, ficando pendente a cidade; 2. Continuar com as sondagens para a realização da escola latino-americana, já a partir da ideia, sugerida neste encontro de “oficina-escola”; 3. Iniciar as sondagens para o registro de um grupo de Trabalho na CLACSO sob o título “*Gramsci y América Latina*”; 4. Avançar na formação de uma lista latino-americana de e-mails para uma permanente comunicação coletiva.

O ano de 2019 foi um ano de singular importância. Em primeiro lugar, as associações gramscianas de Brasil e Argentina avançaram na elaboração do projeto da escola latino-americana, que toma o nome definitivo de “*Oficina-escola latino-americana de estudos gramscianos*”, cuja primeira experiência deveria ser realizada na cidade de Florianópolis, Brasil, no mês de abril de 2020. O processo de organização da Oficina-escola foi sem dúvida um momento importante de articulação no qual se involucramos colegas de Brasil, Argentina Colômbia, Chile e Itália.

Em segundo lugar, entre 27 e 28 agosto, na cidade de Assunção, Paraguai, foi realizado o simpósio “Gramsci, la teoría de la hegemonía y las transformaciones políticas recientes en América Latina”, organizado pelo “*Centro de estudios y educación popular Germinál*”, que congregou um importante número de estudiosos do Paraguai, Argentina, Brasil, México, Colômbia, Bolívia e Itália. Neste encontro, que contou com momentos específicos destinados ao trabalho de articulação dos estudos gramscianos, avançou-se de forma significativa no processo; em particular a sugestão da criação de um grupo de coordenação do esforço de organização.

Poucos dias depois, de 9 a 12 de setembro, seria realizado o III Encontro da IGS-Brasil,

na cidade de Marília, que teve a presença de vários convidados latino-americanos e durante o qual foram completadas as definições de trabalho iniciadas em Assunção. Desta forma, ficaram definidos os próximos passos associativos: 1. A Oficina-Escola a ser realizada em Florianópolis, de 13 a 18 de abril de 2020; 2. O encontro de México a ser realizado em outubro de 2020; 3. A organização em torno destas experiências de uma lista de e-mails para a comunicação direta entre os estudiosos.

Estes eram os planos até a entrada na história do coronavírus. A pandemia obrigou a postergar os encontros que se realizariam fisicamente, mas foi um incentivo para avançar nas comunicações. Neste sentido, a partir de intercâmbios entre as organizações, foi organizado o que foi denominado *Grupo Gestor da Rede*, cujas deliberações conduziram à constituição na reunião do dia 9 de junho de 2020 da “*Rede latino-americana e caribenha de estudos gramscianos*” e à criação da lista de discussão red-latinoamericana-y-caribena-de-estudios-gramscianos@googlegroups.com de 2020 da “*Rede latino-americana e caribenha de estudos gramscianos*” e à criação da lista de discussão red-latinoamericana-y-caribena-de-estudios-gramscianos@googlegroups.com.

Na mesma reunião foi decidida a realização de uma série de três eventos da Rede até o final de 2020. O primeiro deles, uma mesa redonda de lançamento da Rede intitulada “*Miradas gramscianas sobre la crisis actual*”, (22 de julho, 17 h Brasil/Arg 15h Col/Méx). Esta atividade, que contou com a participação de representantes das quatro associações organizadoras e um convidado da IGS Itália, representou um expressivo passo no caminho da consolidação da Rede. Além de oportunizar um valioso debate sobre a complexidade da política na condição de crise de amplo espectro que vivemos, auxiliando a ampliar os olhares sobre os campos de disputa e necessária luta que precisamos empreender para coletivamente galgarmos meios

meios de construir respostas exitosas na direção da superação dos atuais problemas enfrentados.



Uma segunda atividade de alçada latino-americana está programada para a quarta-feira 23 de setembro, 17h (Bra/Arg), pensada como preparatória do mencionado encontro pelos 40 anos do Seminário “Hegemonía y alternativas políticas em América latina”, e deve girar em torno do conceito de hegemonia. A terceira atividade prevista para o mês de novembro, com data e tema a ser precisados, deve dar continuidade as reflexões suscitadas na anterior.



E a história continua... Sigamos juntos!

Grupo Gestor de la Red Latinoamericana y Caribeña de Estudios Gramscianos

Pela Asociación Gramsci Argentina:
Javier Balsa; Martín Cortés; Sebastián Gómez

Pela IGS Colômbia:
Miguel Angel Herrera Zgaib; Jorge Andrés García Villamizar; Yolanda Rodríguez Rincón; Giovanni Mora Lemus.

Pela Asociación Gramsci México
Diana Fuentes; Lucio Oliver

Pela IGS Brasil:
Raúl Burgos; Deise Rosalio Silva; Gianni Fresu

Para quem não teve oportunidade de acompanhar ao vivo, a live inaugural da Rede Latino-Americana de Estudos Gramscianos está disponível na íntegra no nosso canal do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=o5ILMVpkRLo>

Os Ciompi: Nota Histórica sobre Antonio Gramsci, Simone Weill e George Renard

Lincoln Secco

O chamado *Tumulto dos Ciompi* foi uma revolta medieval que ocorreu entre junho e agosto de 1378¹. Duas narrativas e um breve comentário unem os três autores aqui resenhados. George Renard (1841-1930) publicou sua *Histoire du travail à Florence* (2 volumes, Paris, Editions d'Art et de Littérature, 1913-1914) pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Nela abrange o caso dos *Ciompi*. Simone Weil (1909-1943) narrou a revolta proletária do século XIV num artigo em *Critique Sociale n. 11* em março de 1934. Antonio Gramsci (1891-1937) não conheceu Simone Weil, mas possivelmente leu alguma obra de Renard. Ele dedicou um parágrafo dos seus *Cadernos do Cárcere* a ele por ocasião da sua morte em 17 de outubro de 1930. Além disso, ele estabeleceu uma comparação entre revoltas da antiguidade e as do medievo, citando o caso dos *Ciompi*.

Todos os três tinham referência em Maquiavel.

George Renard não era marxista. Era um socialista da tradição blanquista francesa. Gramsci escreveu um pequeno obituário dele nos seus Cadernos do Cárcere: “Georges Renard. Morreu em outubro de 1930. Foi professor de história do trabalho no Collège de France. Ele participou da Comuna e dirigiu estas coleções: *Le Socialisme à l'œuvre*, *Historia Universelle du Travail*, *Bibliothèque Sociale des Métiers*. Livro teórico: *Le Régime Socialiste* em que ele defende a tradição do socialismo francês contra Marx. Deve ter escrito um livro intitulado *Les Cités Imaginaires*, sobre literatura utópica (mas talvez tenha sido apenas o tema de seu curso universitário para o ano 30-31, que não houve devido a sua morte); mas certamente muitas dicas em seus livros. Será útil compilar uma bibliografia completa de Renard, identificando os trabalhos que têm importância científica e histórica”. Renard no entanto conhecia muito bem a obra de Marx e parece se inspirar nela para historiar a revolta dos Ciompi, como veremos a seguir.

Análise Histórica

Renard começou por demonstrar a complexidade das corporações medievais. A corporação é uma “associação voluntária de pessoas que exercem o mesmo ofício e que se comprometem, por juramento, a defender seus interesses comuns”². Sua constituição é republicana, com um poder da assembleia e o executivo representado por quatro côsules com mandato de seis meses. Havia as de uma só profissão, as que eram federações de ofícios, as maiores, médias, menores etc. Elas eram uma contradição em movimento que combinava igualdade dos membros e hierarquia. Apenas as corporações simples apresentavam a hierarquia básica do aprendiz, companheiro e mestre. Mas em Florença a aprendizagem durava seis a sete anos e depois se saltava diretamente a mestre. No caminho

do aprendiz havia apenas as taxas para associados e o pagamento do direito de entrada³.

Em Florença havia 21 corporações de ofício fixas e que se denominavam “as artes”. Elas eram em geral muito complexas com magistrados particulares e companhias armadas de mercenários. Entre as maiores (por exemplo de juizes, médicos, cambistas, grandes comerciantes etc) e as menores (comerciantes de vinhos, padeiros etc) havia as médias (açougueiros, sapateiros etc).

A *Arte di Calimala* é uma corporação não de indivíduos e sim de sociedades e companhias comerciais, um truste capitalista, um sindicato patronal típico da Itália (que Engels considerou a “primeira nação que se converteu em capitalista”⁴). Cada uma de suas unidades tinha um chefe e “um exército de subordinados perpétuos”⁵, os *sottoposti*.

Renard identifica que o poder urbano em Florença, muito tempo depois da derrota dos gibelinos, transitou lentamente para a *Arte di Calimala* que mantinha serviços públicos e a segurança. Curiosamente, ela sobreviveu até o século XVIII, mas apenas como congregação de caridade.

As artes maiores representavam o *popolo grasso* (os poderosos) e começaram a se considerar guelfas⁶: antifeudais, anti imperiais e defensoras do *self government* pela comuna⁷. Como ela representava os banqueiros e o grande comércio de longa distância, desenvolveu inúmeras técnicas contábeis, letras de câmbio e maneiras de escapar à proibição da usura. Uma delas era o desconto para quem pagava adiantado. O preço a prazo não era apresentado como portador de juros e sim como o preço justo. Mas nele estava disfarçadamente calculado o juro.

No capítulo em que Renard trata da revolta dos Ciompi ele parte de Maquiavel, considerando, todavia, que ele escreve no século XVI para agradar os Medici e, portanto, aumenta o papel de Salvestro di Medici. Em seguida afirma: “Como acontece sempre, como ocorreu na França em 1848, fez-se uma revolução política que se converteu em social com grande

assombro dos que a colocaram em marcha; foi uma mudança de regime começado pela pequena burguesia, mas levada a cabo pelo proletariado”⁸. Em seguida Renard cita Maquiavel: depois de desencadeado, “não se detêm como se quer um levantamento popular”.

Esse foi o dilema do novo governo baseado numa milícia de cidadãos que surgiu da revolução dos *ciompi*. Ele foi chefiado por Michele Lando, um membro das artes menores, mas teve que conviver com a pressão popular.

Renard diz que os pequenos burgueses agiram como aprendizes de feiticeiro, que por meio de fórmulas mágicas desencadeiam gênios que não podem controlar (a alusão é seguramente ao *Manifesto Comunista*)⁹: “A pequena burguesia só desejava repartir o poder com a alta burguesia, que o monopolizava em proveito próprio. Mas o impulso foi além dos seus desejos. Elevou por alguns dias os trabalhadores, normalmente mantidos no mais baixo grau, acima da sociedade. O movimento, depois de alcançado o apogeu (...) continua em sentido inverso. São precipitados do alto os que o haviam ocupado por um instante. Depois deles, a pequena burguesia, que os havia impulsionado mas não sustentado, teve medo e desconfiança de sua vanguarda. A reação logra devolver o poder aos que o possuíam antes do abalo; ou seja: a burguesia rica. Tal é a curva ascendente e descendente que o movimento dos *Ciompi* descreveu”¹⁰.

A curta vitória dos *Ciompi* e o seu efêmero governo são vistos por Renard como o ponto culminante de todas as revoltas proletárias da idade média. Ele acentua que havia intelectuais entre os *Ciompi* (os notários) que puderam escrever o seu ponto de vista. Além disso, as tentativas do proletariado moderno permitiram uma nova interpretação da rebelião, o que permite dizer que não houve apenas mudança de pessoas, mas de classes no poder¹¹.

No entanto, mesmo nas revoluções não há ruptura absoluta com o passado e os *Ciompi* quiseram entrar nos quadros da ordem existente e

aceitaram compor uma corporação. Tanto quanto Simone Weil escreveria depois, Renard afirmou que o movimento não foi sanguinário, exceto pelo justicamento de um certo Nuto, odiado pelos pobres e que é descoberto e agarrado pela multidão. Entre as medidas do novo governo foi decretada uma nova força armada popular e as bolsas onde estavam os nomes dos cidadãos elegíveis foram queimadas e substituídas por outras onde ricos e pobres figuravam igualmente: “Mas nesse tempo de revolução essas explosões de alegria e de esperança eram breves como um belo dia de primavera. Um novo governo estabelecido por um golpe de força, encontra sempre depois da vitória numerosas dificuldades; e, se é um governo popular, a maior e comum é a financeira”¹².

Não há como ver aqui uma narrativa cujo modelo é a história da Comuna de Paris. Renard cita forasteiros que ameaçavam a cidade, gastos imprevistos para pagar besteiros¹³, operários sem soldo, má colheita... O *popolo grasso* usava a força da inércia, a fuga, a abstenção. Partia ao campo e deixava operários desempregados. O governo ordenou que a Arte della Lana abrisse as oficinas, mas os patrões mantiveram o *lockout*.

Entre os *Ciompi* havia os que queriam levar a revolução ao extremo e tomar todos os ofícios. Talvez fossem franciscanos heréticos que queriam a comunidade de bens. Os mais radicais dos *Ciompi* se designavam como o santo populacho de Deus¹⁴. Lando não é chamado de social democrata, como veremos no texto de Simone Weil, mas é considerado por Renard como “traidor e renegado”. A extrema esquerda dos *Ciompi* instituiu um poder paralelo para pressionar o governo legal e contrabalançar a pressão exercida pelo partido guelfo, mas “como uma acusação de aspirar à ditadura é sempre eficaz contra os chefes de um movimento popular”, os nobres e burgueses espalharam *fake news* de que os *Ciompi* travavam relações com um pequeno tirano do exterior. Inventaram ainda que os *Ciompi* queriam trocar os mestres pelos aprendizes e roubar as casas das pessoas.

Os *Ciampi* careciam de educação política, mas suas medidas revelavam um “espírito prático, uma ideia bem precisa das reformas necessárias e possíveis em matéria financeira e econômica”. Renard talvez evocasse Marx que escreveu sobre a Comuna de Paris que as medidas financeiras do proletariado foram “notáveis pela sua sagacidade e moderação”¹⁵. Erros dos líderes *Ciampi* contribuíram para a derrota e eles foram enganados pelos hábeis políticos burgueses acostumados ao poder. Ainda assim, a derrota se explica muito mais por questões objetivas.

Os *Ciampi* eram uma minoria social na cidade e mesmo no proletariado. Eram uma vanguarda econômica mas que só soube propor uma quimérica volta à pequena indústria. No sistema corporativo era menor a distância entre mestres e aprendizes, mas na fábrica onde labutavam os *Ciampi* a distância era abissal. Eles não tinham direitos, moradia e regulamentos protetores. Na alvorada do capitalismo, eram o exemplo máximo do sistema que Marx denominou despotismo de fábrica. Numa situação de interesses econômicos irreconciliáveis era inviável estabelecer ali o sistema corporativo.

Para Renard, só a extrema esquerda compreendeu isso e buscou estabelecer um *modus vivendi* fora das corporações. Mas era pouco numerosa, muito pressionada pelos acontecimentos para ter tempo de propor um novo regime e estava cercada por uma sociedade em que as tradições hierárquicas eram muito fortes. Enfim, os *Ciampi* caíram porque buscaram soluções para os problemas do capitalismo nascente nas instituições de proteção social de um outro regime econômico em vias de terminar.

Depois de 1378 a burguesia reforçou a polícia e as torturas. A política evoluiu para a oligarquia e a economia para a plutocracia. Nos subterrâneos da política ainda vicejaram organizações secretas, a bandeira do anjo com a espada radiante e o lema “Vivam as vinte e quatro artes”.

Em vários pontos da História de Renard ecoam tanto as leituras de Marx quanto a memória

do *Communard* que Renard fora. Durante a Comuna de Paris, em 1871, ele integrou um breve governo proletário que, sem muita experiência administrativa, emitiu ordens de grande sabedoria prática. Renard foi secretário do Ministério da Guerra e, depois, exilou-se na Suíça.

A Estrutura da Revolta

Em 1928 Simone Weil estudava na Sorbonne. No Collège de France, George Renard dava aulas de História do Trabalho. Ela também apresenta em sua análise da revolta uma estrutura de classes em que servos, nobres e clero são marginais na história. Florença tem um sistema complexo com as supracitadas 21 artes. O poder político reside nas artes maiores de banqueiros, grandes comerciantes, fabricantes de panos etc. Dentro das artes maiores há os membros menores (os que trabalham a lã e a seda, por exemplo). No século XIV, a arte da lã é um pequeno Estado com impostos, emissões, armazéns, tabela de preços e limite máximo de produção etc¹⁶.

‘No seu relato há três movimentos estruturais: um no interior do proletariado, em que se demonstram suas contradições internas; outro é o da luta entre as classes; um terceiro, propriamente político, em que a revolução pode assumir um caráter ascendente, como em 1917, ou descendente, como em 1848.

Sigamos sua própria narrativa, aqui resumida segundo a ênfase nos aspectos que nos importam: entre eles o anacronismo necessário e militante que busca no passado os elementos da luta do presente. Deixemos de lado o quanto a pesquisa acadêmica pode ter modificado o significado da luta de classes no século XIV. Como Gramsci, a autora não consulta diretamente as fontes, apenas cita os *ordinamenti di giustizia* de 1239 e as *Histórias Florentinas* de Maquiavel.

Movimento Interno

Há uma projeção do conceito leninista de

aristocracia operária no século XIV. Ao descrever a divisão do trabalho na corporação da lã (lavagem, limpeza, batedura, cardadura, cordagem) e a vigilância dos contramestres, ela define três polos no interior da classe: os proletários da lã (nada mais, nada menos do que os *Ciampi*) que trabalhavam na fábrica; os fiandeiros e tecelões que trabalhavam no próprio domicílio; e os tintureiros que eram altamente especializados.

A fábrica do século XIV já apresentava uma feição moderna, faltando-lhe apenas a maquinaria. Os tintureiros eram operários, mas não estavam submetidos diretamente a um patrão, como os operários das oficinas, porque o capital adiantado para criar as tinturarias era elevado e elas eram mantidas diretamente pela Arte della Lana, ou seja, pelo capital reunido a partir da contribuição obrigatória dos capitalistas do ramo.

Os Tintureiros eram membros menores da Arte della Lana e tinham direitos políticos. Subordinados pelos membros maiores e submetidos ao seu julgamento pelo direito corporativo, eles foram os primeiros a apoiar a luta da pequena burguesia.

Luta de Classes

Quando Salvestro di Médici, que era um dos chefes pequeno burgueses, torna-se magistrado de justiça em 1378 e propõe medidas contra o partido guelfo (que representava os interesses dos nobres e da grande burguesia) as artes superiores mandam suas companhias armadas para derrubar o magistrado. No entanto, os operários defendem-no, queimam casas ricas e libertam prisioneiros por dívidas. Como George Renard, Simone Weil se baseia em Maquiavel. Ela acrescenta ao final do seu artigo a descrição que ele faz da rebelião dos *Ciampi* e quase o sugere como precursor do materialismo histórico. Maquiavel comenta em suas Histórias Florentinas que não se deve estimular a sedição popular com a pretensão de controlá-la depois. Ou seja: ela recupera a mesma ideia citada por Renard.

O que ocorre é exatamente o “descontrole”:

os operários permanecem nas ruas e as artes menores lhe dão apoio. Weil aponta ali os elementos espontâneos que aparecerão nas rebeliões proletárias futuras: pena de morte para saqueadores, um movimento que não é sangüinário (ela também registra que apenas um odiado policial chamado Nuto é executado) e uma lista de reivindicações, sobretudo a criação de três novas artes, uma delas para os *Ciampi*, que são os operários não especializados, como vimos. Simone Weil ainda adiciona um elemento objetivo: a grande peste de Florença dizimara a classe operária, aumentara os salários, mas também os impostos em benefício da *Arte della Lana*.

Diante do novo governo de Michele Lando, a grande burguesia reage com o *lockout*. Os operários retiram-se para Santa Maria Novella e organizam, nas palavras da autora, um *soviet*. Surge a dualidade de poderes.

A Revolução Traída

Simone Weill era uma comunista sem partido que debateu com Trotsky na casa dos seus pais, em Paris, em dezembro de 1933¹⁷. No seu relato, a “revolução de fevereiro” dos pequenos burgueses foi bem sucedida, mas a de “outubro” dos *Ciampi* não. Os proletários florentinos não conseguiram, em agosto de 1378, derrubar “o seu Kerenski”: “Michele Lando faz o que teria feito em seu lugar qualquer bom chefe social democrata: volta-se contra seus antigos companheiros de trabalho. Os proletários, tendo contra si o governo, a grande burguesia, as artes menores e, sem dúvida, também as duas novas artes não proletárias, são vencidos depois duma sangrenta batalha e ferozmente exterminados no começo de setembro”¹⁸.

A vigésima-quarta arte e a força armada que tinha sido organizada em agosto são dissolvidas; os operários, desarmados; contratam-se tropas no campo, “como em Paris depois de junho de 1848”¹⁹. Simone Weil também segue a leitura de Marx, quando este

afirma que o partido proletário de 1848 (Blanqui e seus camaradas) é “traído e abandonado pelo partido pequeno burguês democrático”²⁰.

Com a derrota do proletariado e sua vigésima quarta arte, obviamente a revolução se inverte e nos meses seguintes perdem suas prerrogativas primeiro os artesãos, os pequenos comerciantes, os tintureiros e as artes menores; depois, é executado Scali, líder da classe média e, por fim, Michele Lando é exilado; a vigésima terceira e a vigésima segunda artes são abolidas; o partido guelfo restabelecido.

Simone Weil termina peremptoriamente: “o poder dos empresários era agora absoluto”. Ora voltando-se à Primavera dos Povos, ora à Revolução Russa, Simone Weil está entre o Marx de o *18 Brumário* e os artigos em que Trotsky analisa a derrota do proletariado alemão e a ascensão do nazismo.

Teoria e História

Gramsci cita os *Ciampi* em dois trechos nos quais estabelece um cotejo entre o Estado antigo e o medieval. Na Antiguidade ele era uma “federação de classes” e as classes subalternas tinham suas próprias instituições; “assim o fenômeno do duplo governo nos períodos de crise” assumia uma importância extrema. A única classe excluída do mundo clássico era a dos escravos. Vemos como Gramsci, a exemplo dos outros dois autores, trata dos temas históricos com a linguagem comunista da sua época.

Ele identifica os escravos romanos aos proletários medievais que tinham as mesmas condições objetivas de exclusão da vida civil. No entanto, sua situação era diversa: Espártaco não poderia participar do governo com patrícios ou com a plebe²¹. Enquanto na Idade Média era possível uma aliança entre proletários e o povo e até o apoio à ditadura de um príncipe.

“Gramscianamente” poderíamos pensar muito além da experiência do Duque de Atenas²².

Talvez os *Ciampi* não tiveram na sua insurreição um príncipe para representá-los, ou seja, um partido.

Contudo, para George Renard e Simone Weil o que importa na experiência proletária é sua autonomia. Por isso invocam constantemente as análises de Marx sobre a Primavera dos Povos ou sobre a Comuna de Paris. Se eles tivessem lido Gramsci poderíamos dizer que acentuam o espírito soreliano de cisão. Mas como leram Marx, o seu “partido” é a vanguarda da rua simbolizada por Blanqui e os seus camaradas.

O proletariado não pode contar senão consigo mesmo e com a utopia de uma comunidade de pessoas livres e iguais. Ao mesmo tempo, os ricos tiveram a seu favor a “força das coisas”, como dizia Renard. Para mudar um regime político é necessário romper com o modo de vida burguês, o que Simone Weil buscou fazer vivenciando a condição operária; o que Renard praticou na Comuna de Paris em 1871; algo que a extrema esquerda dos *Ciampi* exercitou naquela primavera de 1378. 1 As incertezas e tumultos podem ter continuado até 1382, mas os *ciampi* já estavam derrotados.

2 Renard, J. *Historia del Trabajo em Florencia*. Trad. Guillermo Cabanellas. Buenos Aires: Editorial Heliasta SRL, 1980, p. 82.

3 Id. *ibid.*, p. 73.

4 Marx, K. H. e Engels, F. *Manifiesto Comunista*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017, p. 75

5 Renard, op. cit., p. 84

6 Desde o século anterior havia guerras civis entre os Guelfos, partidários da autonomia da República e seguidores do papa (visto como garantidor desta autonomia) e os Gibelinos, seguidores do Império.

7 Id. *ibid.*, p.93.

8 Id. *Ibid.*, p.196.

9 A frase é: “o mágico que já não pode controlar as potências infernais que desencadeou com seus feitiços”. Marx, K.H. e Engels, F. *Manifiesto Comunista*, cit., p. 85.

10 Renard, op. cit., p.193. O nome *Ciampi* era depreciativo. Alguns sustentam que era uma corruptela da expressão *companheiros, vamos beber*, típica da época do domínio do Duque de Atenas na cidade. 35 anos antes ele havia distribuído armas ao proletariado para contrabalançar o poder da alta burguesia sobre ele. O Duque de Atenas era

um aventureiro. Em 1342, depois de uma guerra civil, os florentinos cederam o poder a um Podestà (o mais alto cargo civil de Florença) estrangeiro. Em pouco tempo ele desagradou os interesses da Burguesia e foi expulso como tirano.

11 Id. *ibid.* p.202.

12 Id. *ibid.* p.203.

13 Soldados que portavam bestas, um tipo de arco e flecha acionado por um gatilho.

14 Id. *ibid.* p.205.

15 Marx, K. H. A guerra civil na França. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 64

16 Weil, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Seleção de Ecléa Bosi. Tradução de Therezinha Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.209.

17 Ainda, o livro “Revolução Traída” é posterior. Trotsky, L. La revolution trahie. Traduit du russe par Victor Serge. Paris: B. Grasset. 1936.

18 Simone Weill conhecia o exemplo de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht e a traição de Ebert e Noske.

19 Weill, *op. cit.*, p. 213.

20 Marx, K. H. Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte. Paris: Editions Sociales Internationales, 1928, p. 49.

21 Gramsci, Antonio. Quaderni del Carcere. Torino: Riu-nitti, 1977. Vejam-se o Caderno 3 e o 25.

22 Vide supra (nota 9).

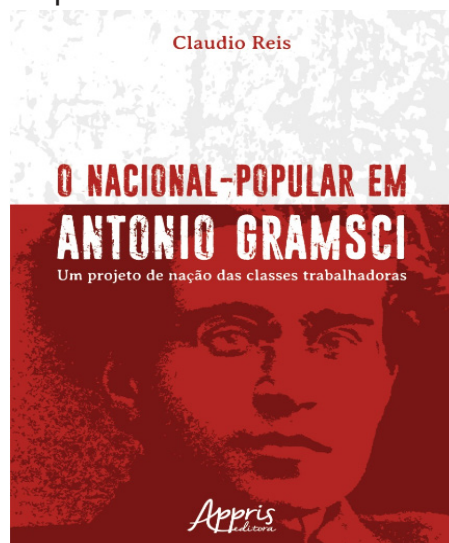
Lançamento de livros

O Nacional-Popular em Antonio Gramsci: um projeto de nação das classes trabalhadoras

Claudio Reis
Prof. de Teoria Política da FCH/UFGD

O nacional-popular em Antonio Gramsci: um projeto de nação das classes trabalhadoras é uma obra que expõe o esforço do autor italiano para elaborar uma proposta alternativa à construção nacional burguesa. Partindo dos interesses dos trabalhadores e das trabalhadoras, Gramsci aponta os elementos para a fundação de uma nova nação. O nacional-popular é a sua síntese. A concretização do projeto está intimamente vinculada ao processo de superação da sociedade capitalista, consequente

mente, da própria nação burguesa. Todos os grandes temas do pensamento gramsciano estão presentes nesta obra: intelectuais, Estado, cultura, hegemonia, sociedade civil, partido político, entre outros. Portanto, ao ler *O nacional-popular em Antonio Gramsci: um projeto de nação das classes trabalhadoras*, o/a leitor/a terá a oportunidade de entrar em contato com o amplo repertório conceitual do autor italiano.



O lugar da Educação em Gramsci

Deise Rosalio Silva
Profa Política e Gestão Educacional UFMG
Por Lincoln Secco:

Para além do despotismo das cadeias produtivas e da coerção policial do Estado, Antonio Gramsci identificou muitos lugares de reprodução do consentimento à Ordem existente.

Sindicatos, partidos, associações de bairro, clubes e até nomes de rua podiam ser elementos de uma nova vontade coletiva dirigida pelos intelectuais orgânicos de um grupo social. O intelectual tradicional e indiferente às atividades mundanas tornou-se raro. Nas universidades e igrejas muitos são gestores da arrecadação profissional de recursos financeiros.

É na contramão da pesquisa universitária aplicada a técnicas que reduzem a escola a uma simples combinação input / output de “recursos

humanos” que estudos como o da Professora Deise Rosalio sobressaem. Basta ler uma citação que ela faz de Gramsci: “a eficiência da escola é tanto maior quanto mais estreita é a relação entre professores e alunos”. É a formação integral do ser humano que lhe interessa.

A hegemonia é antes de tudo pedagógica porque acontece na base da sociedade e não apenas no pensamento de intelectuais cosmopolitas, desligados da vida cotidiana. Muito menos se restringe ao espaço escolar.

A autora mobiliza os conceitos gramscianos para uma reflexão original: a escola aparece aqui não apenas como um organismo, mas como uma função inerente à Sociedade Civil; não somente como uma instituição ou uma coisa, mas enquanto uma relação social.

Este livro é ainda um guia seguro para percorrer o complexo vocabulário de Gramsci. Reforçado ainda com a experiência da autora nos arquivos italianos.

Todavia, os temas se fazem compreensíveis porque ela envolve sua escrita numa profunda paixão intelectual pelo seu objeto. Seu compromisso não se resumiu aos palcos da oratória, mas à vivência do debate público e do ensino. Ela demonstra em sua própria pesquisa que uma nova hegemonia só é possível mediante uma prática em que a educadora também é educada.



Antonio Gramsci, o homem filósofo

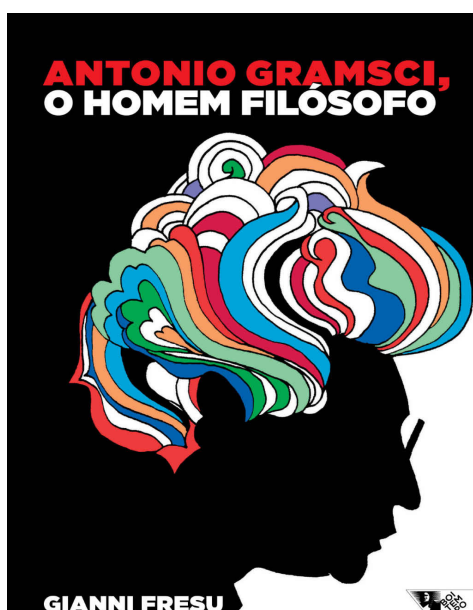
Gianni Fresu

Prof de Filosofia Política UFU; Presidente da IGS Brasil

Por Luciana Aliaga

Em terras brasileiras, como se sabe, Antonio Gramsci aportou como o “herói” da luta cultural antifascista, como o teórico das superestruturas. No intrincado processo de recepção e apropriação das suas ideias a partir das primeiras traduções em finais da década de 1960 operou-se, portanto, uma grave cisão entre o filósofo e o político, entre pensamento e ação, entre o homem histórico e o mito desencarnado. O pensamento gramsciano, com efeito, não apenas no Brasil, mas na América Latina de modo mais abrangente, foi submetido aos mais diversos usos, resultando em leituras parciais e fragmentárias. De lá para cá muitos esforços têm sido envidados em busca de uma leitura integral de Gramsci e, de fato, é possível dizer que tal empreendimento – vital na mesma medida em que é árduo - está ainda em construção. Neste sentido, A edição brasileira de *Antonio Gramsci, “o homem filósofo”: apontamentos para uma biografia intelectual*, de Gianni Fresu, constitui uma importantíssima contribuição para este projeto coletivo de apreensão integral do pensamento gramsciano. Neste livro, Fresu consegue, de fato, dar concretude ao “Gramsci histórico”, sujeito às modificações – e, pode-se dizer também, evoluções – intelectuais e morais exigidas diante de seus próprios limites humanos tanto quanto pelos desafios teóricos e políticos do seu tempo. Emerge desta leitura toda a complexidade do autor em suas diversas fases de vida e de pensamento, isto é, das diferentes perspectivas que Gramsci assume em sua trajetória intelectual, ao mesmo tempo em que podemos perceber o fio condutor que opera a unidade do pensamento ao longo do tempo, isto

é, de um pensamento que ao mesmo tempo em que sempre rejeitou veementemente o pedantismo e o diletantismo burgueses, nunca tolerou os esquematismos e os dogmatismos nas próprias fileiras. Fresu nos faz enxergar os elementos de permanência e de coerência interna no pensamento gramsciano – desde a juventude até o período carcerário – entre os quais se destaca o firme e resolutivo combate à instrumentalização política das classes subalternas pelas minorias dirigentes. A adesão à perspectiva das classes subalternas não corresponde, contudo, – como fica evidente sob a pena de Fresu – a um procedimento meramente teórico, mas à identificação e imersão concreta no drama histórico dos dominados e subalternizados, na concretização de uma epistemologia popular capaz de prover fundamentos sólidos a uma filosofia de massa, ou, pode-se dizer, à filosofia da práxis.

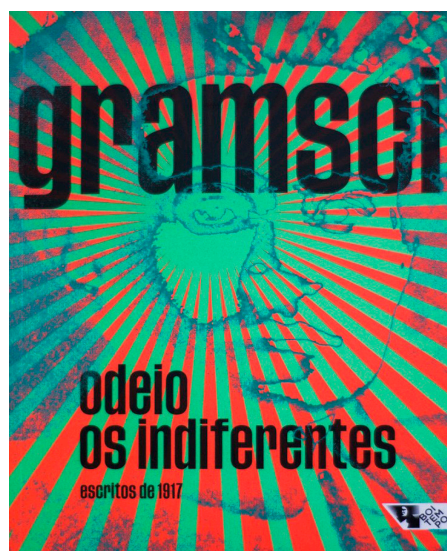


Odeio os indiferentes – Escritos de 1917 do Antonio Gramsci

A Boitempo inaugura o seu selo “Escritos gramscianos” com essa gloriosa produção de escritos de 1917 de Antonio Gramsci, selecionados e traduzidos por Daniela Mussi e Álvaro

Bianchi. Além da riqueza dos textos, a obra conta com cuidadosas notas críticas esclarecedoras ao público brasileiro. Tivemos a alegria de realizar uma live de lançamento dessa importante obra, no dia 2 de julho de 2020, com os tradutores e comentário de Marcos Del Roio, o que nos rendeu uma calorosa conversa recuperando desde a história do pensamento gramsciano a partir da publicação de suas obras, quanto o percurso de realização desse livro e o aceno de produções futuras. O vídeo na íntegra está disponível no nosso canal do youtube:

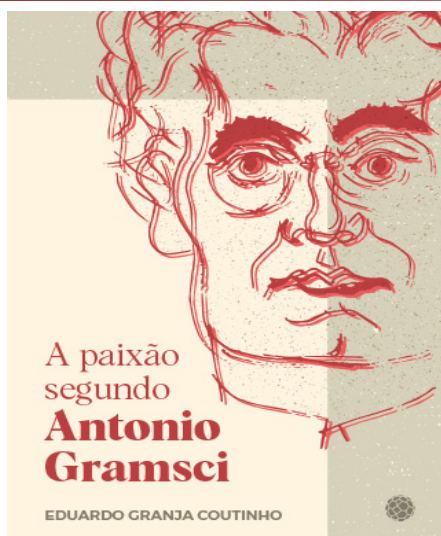
<https://youtu.be/KOM48ER2pps>



A paixão segundo Antonio Gramsci

Eduardo Granja Coutinho
Dep. Fundamentos da Comunicação da UFRJ

O novo livro de Eduardo Granja Coutinho nos provoca a pensar a importância dos afetos e das emoções na política, particularmente nos processos revolucionários, como bem aponta Rodrigo Dantas. Relaciona a filosofia da práxis de Gramsci com Maquiavel, La Boétie, Hegel, Lenin, Sorel, Reich, Mariátegui e Pasolini. Já disponível e com entrega grátis para todo Brasil <https://morula.com.br/produto/paixao-segundo-antonio-gramsci/>



Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia

Ana Lole, Inez Stampa e Rodrigo Lima R. Gomes

Esta coletânea de artigos, de distribuição gratuita, surge do desejo de elaborarmos um material para reflexão sobre a grave crise que assola o mundo, em particular sobre a pandemia, mas, também, possam dar pistas para pensarmos sobre os rumos do Brasil. Uma “nova direção intelectual e moral” é necessária. O e-book pode ser baixado gratuitamente em: <https://morula.com.br/produto/para-alem-da-quarentena-reflexoes-sobre-crise-e-pandemia/>

E-BOOK GRATUITO

PARA ALÉM DA QUARENTENA: REFLEXÕES SOBRE CRISE E PANDEMIA



Organizado por Ana Lole e Rodrigo, o curso de extensão “Para Além da Quarentena: reflexões sobre crise e pandemia”, inicialmente previsto para a(o)s aluna (o)s do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da UFF e do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, contou com 218 inscritos busca oportunizar debates sobre diferentes temas que nos tocam

Curso de Extensão - Para Além da Quarentena: reflexões sobre crise e pandemia

ORGANIZAÇÃO
RODRIGO LIMA RIBEIRO GOMES
ANA LOLE ■ **INEZ STAMPA**

CURSO DE EXTENSÃO
PARA ALÉM DA QUARENTENA: REFLEXÕES SOBRE CRISE E PANDEMIA

03/07/2020 (sexta-feira) – 15h às 18h
Crises contemporâneas: pandemia, fascismo e política
Inez Stampa (PUC-Rio) • Vicente Rodrigues (UFRJ)
• Lincoln Secco (USP)

06/07/2020 (segunda-feira) – 15h às 18h
Pensando a pandemia com Antonio Gramsci
Luciana Aliaga (UFFB) • Rodrigo Castelo (Unirio)

10/07/2020 (sexta-feira) – 15h às 18h
Crise da democracia no Brasil e no mundo
Victor L. C. Gomes (UFF) • Pedro Cláudio Cunha Bocayuva (UFRJ)

13/07/2020 (segunda-feira) – 15h às 18h
Política de Segurança Pública ou Estado de Sítio?
Marcos Del Roio (Unesp/Marília) • Vinício Carrilho Martinez (UFSCar) • André Rodrigues (UFF)

17/07/2020 (sexta-feira) – 15h às 18h
A Educação em Gramsci e no Brasil
Dese Rosalio (UFMG) • Rodrigo Lima Ribeiro Gomes (UFF)

20/07/2020 (segunda-feira) – 15h às 18h
A pandemia da COVID-19: os casos do Uruguai e da Argentina
Mônica Brun Beveder (Udelar) • Andrés Del Río (UFF)

24/07/2020 (sexta-feira) – 15h às 18h
Violência policial, racismo e pandemia nas favelas brasileiras
Reginaldo Scheuermann Costa (UFF) • Vitor Castro (Mórula Editorial) • Fagner Torres (Lado B do Rio)

27/07/2020 (segunda-feira) – 15h às 18h
Política sexual e população LGBTI: o recrudescimento do conservadorismo em tempos de pandemia
Milena Carlos de Lacerda (UFT) • Guilherme Almeida (UFRJ)

30/07/2020 (quinta-feira) – 15h às 18h
Mulheres e Povos indígenas: reflexões sobre cuidado na pandemia
Mari de Araújo Santos (UFAL) • Rita Freitas (UFF) • Carla Almeida (UERJ) • Ana Lole (PUC-Rio)

03/08/2020 (segunda-feira) – 15h às 18h
Racismo, necropolítica e pandemia da COVID-19
Magali Almeida (UFBA) • Ana Paula Procopio (UERJ)

ATIVIDADE GRATUITA
REALIZAÇÃO: APOIO:

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO
<https://bit.ly/3eDz0pY>

A IGS BRASIL faz 5 anos!

Foi com imensa satisfação que rememoramos essa história, ressaltando também o que Gramsci tem a nos dizer nesse momento, além de vislumbres de como pensarmos

nosso caminhar daqui por diante. A live comemorativa dos 5 anos da IGS Brasil foi composta pelo atual presidente da IGS Brasil, Gianni Fresu, o presidente da gestão anterior, Marcos Del Roio, o membro do Conselho Nacional nas duas gestões anteriores, Raúl Burgos e membro da atual Coordenação Nacional da IGS Brasil, Deise Rosalio Silva. Ela nos rendeu um bom bate-papo e está disponível em nosso canal:

<https://youtu.be/qGFY61c5Y68>

5 ANOS DA IGS-BRASIL

MARCOS DEL ROIO, GIANNI FRESU, DEISE ROSALIO, RAUL BURGOS

O QUE GRAMSCI TEM A NOS DIZER HOJE?

dia 29/05 às 16h canal YouTube da IGS-BRASIL

IGS BRAS INTERNATIONAL GRAMSCI SOC

Webinar Gramsci e a Educação Especial

Ocorreu no dia 08 de julho de 2020, sob a coordenação de Décio Nascimento Guimarães (IFF) - Doutor em Cognição e Linguagem (UENF). Professor do Instituto Federal Fluminense. Docente permanente do MPET/IFF e contou com os seguintes palestrantes convidados: Heulalia Charalo Rafante (UFC) - Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Adjunto IV no Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal do Ceará e Diretora da Faculdade de Educação; Jarbas Mauricio Gomes (IFAL) - Doutor e mestre em Educação. Professor EBTT de Filosofia e Pesquisador do Instituto Federal

de Alagoas, Campus Penedo e Douglas Christian Ferrari de Melo (UFES) - Doutor em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação pela Ufes. É professor adjunto do Centro de Educação, PPGMPE/Ufes e PPGE/Ufes.

WEBINAR GRAMSCI E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Quarta-feira, dia 8 de julho de 2020, às 10h.

Palestrantes convidados

Jarbas Mauricio Gomes (IFAL) - Doutor e mestre em Educação. Professor EBTT de Filosofia e Pesquisador do Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo.

Douglas Christian Ferrari de Melo (UFES) - Doutor em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação pela Ufes. É professor adjunto do Centro de Educação, PPGMPE/Ufes e PPGE/Ufes.

Coordenação

Heulalia Charalo Rafante (UFC) - Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Adjunta IV no Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal do Ceará, e Diretora da Faculdade de Educação.

Décio Nascimento Guimarães (IFF) - Doutor em Cognição e Linguagem (UENF). Professor do Instituto Federal Fluminense. Docente permanente do MPET/IFF.

Via Plataforma Zoom

Inscrições: www.encontrografia.com/eventos

Realização: encontrografia, IGS BRASIL

Revista Práxis e Hegemonia Popular



Visando melhorar atendimento aos associados e apoiadores da Revista Práxis e Hegemonia Popular da IGS/Br e a modernização do sistema de acesso, postagem e de editoração, em julho de 2020 foi efetuada a migração da mesma para o seguinte endereço: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/about/editorialTeam>

Solicitamos a todos os usuários que façam o cadastro no novo endereço. As informações relativas aos números anteriores, políticas editoriais e processos de submissão, dentre outras, encontram-se nas

abas superiores da página de entrada.

A Revista PHP está aberta para receber propostas de artigos, dossiês, traduções e resenhas em corrente contínua a todos os interessados. A edição é bianual, recebendo textos até o 30º dia de maio e o 30º dia de outubro do corrente ano, respectivamente.

Previsões de dossiês:

Ano 2020 (Edição n. 7)

Solicitamos ampla divulgação para o dossiê sobre Gramsci e Religião para o segundo número de 2020, com encerramento das proposições em 30 de outubro de 2020. O objetivo deste dossiê é abordar os aspectos do pensamento gramsciano a respeito do tema e também propostas que reflitam a partir da perspectiva crítica sobre os fenômenos atuais relacionados à questão religiosa. Ano 2021 (Edição n. 8)

Estão abertas propostas ao dossiê Lutas Sociais e subversão reacionária na América Latina, com encerramento em 30 de abril de 2021. O objetivo deste dossiê é recolher contribuições em chave interpretativa gramsciana, bem como produções sobre o pensamento de Gramsci a respeito das lutas sociais e da ascensão dos movimentos de direita na América Latina.

A comissão de editores e a Coordenação Nacional da IGS/Br agradecem a todos os que estão envolvidos nos trabalhos de migração e aos autores, associados, colaboradores e convidados que têm colaborado com a revista, desde o ano de 2016.

E seguimos...

Como parte do Ciclo de Debates do Museu Pedagógico: Temas de nosso tempo, dia 30 de julho ocorre o debate sobre o filme “Antonio Gramsci – Os dias do Cárcere”, com participação de Leandro Galastri (Unesp Marília/ Conselho

Nacional IGS Brasil) e Wilson Santos (MP- UNE-BP).

100 anos do patrimônio da casa
“Padre Palmeira” e 21 anos do Museu Pedagógico

**CICLO DE DEBATES DO MUSEU PEDAGÓGICO:
TEMAS DE NOSSO TEMPO**

**Comentário do filme: “Antonio
Gramsci – Os Dias do Cárcere”
(Lino Del Fran, 1977)**

Data: 30 de julho às 19 horas

Comentarista: Prof. Leandro
Galastri (UNESP)

Mediação: Prof. Wilson Santos
(MP-UNEB)

TRANSMISSÃO

 YouTube Museu Pedagógico
Padre Palmeira UESB

O filme está disponível no site do Museu Pedagógico



Círculo de Leituras em Filosofia, Política, História e Economia

O “Círculo de leituras em Filosofia, Política, História e Economia” é uma atividade do Grupo de Pesquisa Materialismo e Modernidade – CCHLA/ PPGCPRI/ UFPB, coordenado pela profa. Luciana Aliaga e do PROGEB – Projeto Globalização e Crise na Economia Brasileira – CCSA/ UFPB, coordenado pelo prof. Lucas Milanez. A proposta nasceu com o objetivo de fazer uma leitura dirigida dos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci, e, por meio dela, dar acesso à comunidade acadêmica e externa aos conteúdos dos debates tanto dos resultados de

pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado que estão em curso nos grupos de pesquisa, como de questões fundamentais para a teoria e prática políticas. Em função da pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2020 optamos por abordar a crise em suas diferentes dimensões, política, econômica e sanitária, bem como suas repercussões na Universidade. Neste segundo semestre daremos continuidade ao programa, agora a partir de exposições feitas por pesquisadores gramscianos, tanto de trabalhos já concluídos, como daqueles ainda em andamento, unindo pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação num círculo de leituras e diálogos.

Nossas atividades são virtuais e abertas ao público, maiores informações podem ser encontradas em nosso site: <https://circuloleituras.wixsite.com/ciculoleituras-1>, e no Instagram: https://www.instagram.com/p/B_f8uUFHZKq/?igshid=qpk0x6i023ic.

GSERMS confirma realização da II CGRAM

2ª CONFERÊNCIA GRAMSCI, MARX E MARXISMO

CONFIRMADA
16 a 18
set/20
NA MODALIDADE REMOTA

PRAZO PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS PRORROGADO ATÉ 23 DE AGOSTO/20

www.gserms.ufma.br

TEMA
GRAMSCI, CULTURA E LUTA DE CLASSES NA AMÉRICA LATINA

REALIZAÇÃO: GSERMS, DESES
APOIO: CNPq, IGS BRASIL, CCSO

CÍRCULO DE LEITURAS EM FILOSOFIA, POLÍTICA, HISTÓRIA E ECONOMIA

CRONOGRAMA SEGUNDO SEMESTRE 2020: LEITURAS DOS CADERNOS DO CÁRCERE DE A. GRAMSCI.

13/08 – LUCIANA ALIAGA – “REVOLUÇÃO PASSIVA E REVOLUÇÃO-RESTAURAÇÃO NOS CADERNOS DO CÁRCERE”.

27/08 – SABRINA ARECO – “A REVOLUÇÃO FRANCESA NOS CADERNOS DO CÁRCERE”.

10/09 – DEISE ROSÁLIO – “O PENSAMENTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE A. GRAMSCI”.

24/09 – HEVILLA WANDERLEY – “A QUESTÃO NORDESTINA: UMA ABORDAGEM GRAMSCIANA”.

08/10 – FERNANDA MARANHO- “OS CONCEITOS GRAMSCIANOS DE TRANSFORMISMO E NACIONAL-POPULAR A PARTIR DA ANÁLISE DA AGROECOLOGIA NO MST”.

22/10 – THIAGO LIRA – “IDÉOLOGIA E FILOSOFIA NOS CADERNOS DO CÁRCERE”.

05/11 – ANA KAROLINE NOGUEIRA – “OS INTELCTUAIS MILITARES NA REVOLUÇÃO PASSIVA BRASILEIRA”.

19/11 – GIANNI FRESU – “A BIOGRAFIA INTELCTUAL DE A. GRAMSCI”.

APOIO:



REALIZAÇÃO:



O Grupo de Estudos, Pesquisa e Debates em Serviço Social e Movimento Social da Universidade Federal do Maranhão – GSERMS/UFMA comunica que a II Conferência “Gramsci, Marx e Marxismo” (II GRAM) será realizada na modalidade remota, diante da situação da pandemia do covid-19 no Brasil e em particular no Maranhão e, portanto, diante da impossibilidade da realização presencial, conforme definido na natureza da CGRAM em sua concepção. Ao realizá-la nessa modalidade, apesar dos prejuízos e limites da modalidade, o GSERMS pretende: a) evitar a interrupção da construção desse importante espaço de articulação de estudiosos pesquisadores do pensamento de Gramsci, de Marx e do marxismo e de militantes das lutas populares, dedicados à análise crítica da realidade e intervenção na dinâmica da sociedade na perspectiva de sua transformação; b) garantir o debate do tema “Gramsci, Cultura e a Luta

de Classes na América Latina” nesse momento crucial da sociedade brasileira e de toda a América Latina. Em uma adequação à modalidade foi feito um ajuste na programação que pode ser vista na página web do grupo. O GSERMS informa que a inscrição será gratuita e agradece o apoio da comunidade acadêmica, dos pesquisadores do pensamento de Gramsci, de Marx e do marxismo e de militantes das lutas populares, muito importante para o êxito da II CGRAM.

Acessem nosso canal no YouTube

Apesar da dureza dos tempos, buscamos estreitar a necessária distância física com debates e reflexões estimulantes para seguirmos ativos e operantes. https://www.youtube.com/channel/UCbLf-Dps19_8kRQ9ahmUOn8Q/featured

ASSOCIE-SE

Novidade para filiação

Para facilitar o trâmite de filiação, estará disponível em nosso site um link para preenchimento de todos os dados e envio direto pelo site.

EXPEDIENTE

Edição:

Deise Rosalio

Diagramação:

Matheus Daltoé Assis

COORDENAÇÃO NACIONAL IGS

BRASIL

(2019-2021):

Presidente:

Gianni Fresu

Secretária:

Luciana Aliaga

Tesouraria:

Ana Lole

Coordenação Científica:

Cezar Luiz De Mari

Coordenação de Comunicação:

Deise Rosalio